
EDUCAÇÃO FÍSICA E ANTROPOLOGIA: NECESSIDADE DE ENGAJAMENTO

PHYSICAL EDUCATION AND ANTHROPOLOGY – ENGAGEMENT NECESSITY

WILSON DO CARMO JÚNIOR

Departamento de Educação Física – Instituto
de Biociências – UNESP de Rio Claro – SP

wilsonjr@rc.unesp.br

(Brasil)

Resumo

Nesse artigo a idéia é conduzir ao leitor a refletir sobre a necessidade de trazer a reflexão para a Educação Física em todo seu conteúdo. Trata-se de estabelecer vínculos com aspectos da corporeidade e motricidade como fenômenos engajados numa cultura das práticas corporais, sobretudo, permitindo comparar a dinâmica da integralidade entre o conceito e a natureza nas questões que conduzem a formação do ser humano na sua totalidade. O discurso sobre prática cujo teor indica relações entre uso do corpo como entidade da cultura com relevância da prática de exercícios físicos podem formar um corpo de conhecimento original e promissor. Dessa forma a tentativa de trazer para o debate de aspectos antropológicos nas discussões sobre a experiência humana no mundo vivido estimulam um pensar sobre o corpo e a motricidade construindo outras linguagens. Educação física e antropologia, enquanto categorias conceituais parecerem ter fundamentos originais sobre os quais repousam temas estruturais de valores culturais semelhantes: o corpo além do organismo biológico como ferramenta de intervenção no mundo; a motricidade com experiência associada à concepção de prática como linguagem. Com o suporte teórico dos aspectos conceituais da fenomenologia abre-se aqui mais uma possibilidade de olhar para a Educação Física com os fundamentos mais rigorosos e de múltiplos sentidos.

Palavras Chaves: Educação Física, antropologia e sentido da prática.

Abstract

The idea is to conduct the reader to think about the necessity to bring the reflexion to the whole Physical Education content. It is about to establish connections with corporal aspects as engaged phenomena's within a culture of corporal practices, mainly allowing to compare the dynamic of integrity between the concept and the nature in the issues that lead to human development as a whole. The speeches about practice whose theme indicates relations between corporal use as an entity of culture with relevance of physical exercises practice can built an original and promissory body of knowledge. In this way the attempt to bring for discussion anthropological aspects about human experience in a lived world stimulates a thinking about body and body action developing others languages. Physical Education and anthropology, as conceptual categories seem to have original fundaments in which rest structural themes of cultural values alike: body beyond the biological organism as a tool for intervention in the world; body action as an experience associated to a practice as language. With a theoretical support of phenomenological conceptual aspects it is open here another possibility to look at Physical Education with the most rigid fundaments and with multiples senses.

Keywords: Physical Education, anthropology, practice of sense

Recebido em: 04/08/2008

Aceito: 24/11/2008

INTRODUÇÃO

Discursar sobre corpo, repensar o projeto Educação Física, tratar do assunto sobre o sentido da realidade corporal e da motricidade humana parecer ser uma tendência contemporânea. Um assunto que requer cuidado intelectual, pois, o homem enquanto espécie se situa entre o corpo-organismo e o corpo-conceito, seja pelo caminho do conceito ou pela natureza; por um caminho ou por outro, o tema – *corporeidade e motricidade* – ressurgiu como categoria de conhecimento e parece ser um retorno à busca da unidade e da totalidade humana em sua plenitude. Tal condição realiza-se hoje sob o domínio de uma antropologia concreta, aquela na qual o homem é sua própria corporeidade na totalidade dos sentidos. Se por um lado a capacidade de formar um saber e um conhecimento sobre o corpo, nos deixa confuso e perplexo. Nessa intrincada cadeia de terminologias e nomenclaturas, interpretações e significações sobre o sentido do corpo para a cultura, temos como resposta um discurso que parece corromper o legado antropológico e mesmo mítico no qual esse mesmo corpo humano se firmou como uma questão filosófica e da sua natureza física se fez um conceito como verdade e como problema. Parece mesmo que a realidade do corpo aceitou uma filosofia da corporeidade como uma extensão conceitual do corpo como estrutura, como expressão e significação, na visão antropológica aceita o debate a das diferentes percepções sobre o sentido do corpo para a cultura. Porém, para a Educação Física ficou o legado biológico, questão submissa a um organismo cientificamente instituído, o que, de certa maneira, limita a reflexão sobre o tema de mais amplitude e que não oferece um dado seguro além da sua anatomia.

Pensar sobre o corpo seria legitimar um conceito de corporeidade e de motricidade. Seria um olhar sobre o organismo humano, não apenas como uma obra na natureza exemplo do acaso visto pela tendência científica de computar o aparelho biológico no rol dos experimentos empiricamente corretos. De por um lado os avanços dos estudos e investigações sobre o elo biológico com o corpo humano nos proporcionaram avanços importantes da esfera da saúde, estética, práticas corporais, porém de outro, ainda nos falta uma reflexão sobre essas mesmas questões para que possamos associar as coisas corporais com o *saber, beleza e vigor* como estruturas de uma mesma cultura. Se não por força da tradição dos estudos antropológicos, estes que nos amparam para que enxerguemos a corporeidade e motricidade como entidades de uma cultura geral nos fornecem indicativos de uma necessidade de revisão dos conceitos sobre esse tema. Assim, poderemos nos engajar num projeto que nos permita abrir o debate para as coisas corporais e motoras do homem, porém com uma linguagem que nos permita ir além da lógica formal, sobretudo, com a condição de enxergarmos a totalidade nas coisas humanas. Seria uma busca de uma consciência reflexiva, o que poderia permitir a redescoberta do corpo, indicativo do sentido vivo e tão orgânico quanto conceitual; seria tomada de consciência do corpo humano que somos e não do corpo que temos. Tal reflexão exige a revisão antropológica e nos dá um estímulo a mais para encontrar uma antropologia da Educação Física, que permite a reorientar a necessidade da Educação Física como uma opção fundar uma *ecologia do ser*.

Há nessa perspectiva uma unidade corporal de múltiplos sentidos, e que, o organismo parece estar distante do ser, caímos na armadilha conceitual do discurso sobre a unidade corpo-mente. O paradoxo da corporeidade como superfície do ser total, e o homem, em seu significado antropológico parece que ainda não se recuperou do erro cartesiano e ainda não sabe ser o *ser corporal e motor*. Ao homem corporal, o direito de ser no mundo a presença física como expressão e significado, a condição primária do conceito de corpo, a compreensão das capacidades físicas como a força viva que se nutre pela força do ato motor.

Repensar o a corporeidade como unidade de múltiplos sentidos, o organismo como um todo articulado, essa é a tarefa nada fácil e nem tão simples como o discurso, nem tão visível quanto o exercício. Buscar o organismo enquanto entidade, entes mesmo que a

vitalidade é, por assim dizer, proporcionalizar o reencontro do homem com sua corporeidade e motricidade.

À Educação Física uma tarefa ainda mais difícil; a tarefa de fazer constituir um corpo de conhecimento, mais que uma estrutura de disciplinas, a *educação física* como metáfora viva de uma categoria *prática* na qual o corpo de conhecimento se forma na unidade conceitual e natural, como totalidade física e orgânica. Com a reflexão filosófica e suporte teóricos da antropologia filosófica, a Educação Física necessita dessa reflexão, pois, o corpo humano como fenômeno se refaz fora dos limites do organismo puro e simples e além do dualismo antropológico. Lidar com conceitos na Educação Física ainda parece ser um trabalho difícil, necessitamos quase de um tratado, um esforço rigoroso tão quanto vigoroso para que visemos à busca de uma corporeidade extensiva ao ser humano, e umas motricidades que nos permita um sentimento de corpo, assim, talvez cheguem ao ponto da reflexão sem distorções, pois, quando se reflete e se traduz uma anatomia composta com o *espírito de corpo*.

Tentaremos um reencontro do homem corporal e motor como prova antropológica de que esse mesmo homem é o seu próprio corpo, e que a motricidade humana é uma linguagem que permite aproximações entre o sensível e o inteligível, muito além das provas científicas, filosóficas, artísticas ou religiosas. Uma prova legítima da cultura corporal além do discurso, o reconhecimento de que a atividade física é imanente a atividade cultural, atividades compostas como parte das atividades humanas numa unidade de sentido.

Prática Corporal como prática antropológica

Refletir sobre Educação Física no mundo contemporâneo não parece ser tarefa fácil. Parece haver uma luta intrincada entre a categoria fisiológica e a condição filosófica. Nessa difícil tarefa, a referência é desvendar uma originalidade da Educação Física encoberta, sobretudo, nessa confusa e intrincada diversidade cultural, onde todo o conhecimento que projeta o conceito de prática exige-nos uma investigação que pressupõe aspectos filosóficos, científicos, e artísticos. Há alguma coisa e algum lugar que precisa ser recuperado, como diz na linguagem fenomenológica: voltar às origens, *as coisas mesmas*. *Recuar para saltar*, assim é o sentido metafórico de um simples salto, para ultrapassar qualquer barreira no *atletismo* da vida. Em cada um dos lugares escondidos, pouco percebidos ou até deslocados da ordem cultural da Educação Física, há um ambiente repleto de simbolismos, um campo semântico cuja representação se manifesta nas práticas corporais. Como um acúmulo de elementos potencialmente dotados de vida em movimento que, antes mesmo de alcançar a evidência teórica já, de antemão, se manifesta na prática, revelando assim, um lastro antropológico projetando na vida quotidiana uma motricidade imanente à vida.

O tema *corpo e movimento* se fazem como relação íntima e de domínio da vida, é uma parte integrada no discurso na Educação. Vemos assim, que um tema tão complexo não poderia ser resumido como categoria conceitual desvinculado de outras estruturas, não pode conduzir um estudo sobre esse tema dentro de um único eixo epistemológico. Tal conduta demonstra a necessidade de estudos interdisciplinares. Esse fenômeno talvez seja o sentido mais visível, mais rigoroso do reconhecimento de que *educação física*, mais que disciplina se transforma em um símbolo, quase uma metáfora que se sustenta pelo seu conceito de *prática*. Assim, o sentido da educação do corpo, mais que *físico*, é ontológico, como o foi na *Paidéia*: traduz-se no espectro de um conceito de *ginástica*, do uso do corpo, da *arte médica* e da *dieta*, um todo articulado que inspirou a consciência do homem grego na era clássica. Revela-se também na necessidade de redescobrir o sentido do uso do corpo, na esfera da evolução e perpetuação da espécie humana, como instrumento de intervenção no mundo.

Na cadeia das necessidades humanas, o uso do corpo e do movimento reporta o ser humano para uma esfera da existência, que julgamos no mínimo necessárias: a busca do alimento, a reprodução, e a defesa e do território (MORRIS, 1967). Nessa epígrafe

antropológica podemos ascender uma luz e enxergar o resíduo do instinto da sobrevivência que tanto elege quanto fascina a prática da Educação Física. Há conhecimento e material suficiente no contexto interdisciplinar que parece indicar um passado sobrecarregado de vestígios da atividade física como parte viva da natureza humana. Assim como indicações da etologia comparada, com observações pormenorizadas obtidas com investigação sistemática, que sustentam um passado de luta diante das necessidades (LORENZ, 1974). Entendendo assim, que esses fenômenos somam um conjunto e uma estrutura, que se observa, não tão explicativa, ou tão lógica, mas que confere à Educação Física uma responsabilidade cultural inexplorada.

Não se trata de idealização ou uma profecia isolada ou tentativa de criar uma *novidade* conceitual sobre a Educação Física, mas sim de estabelecer relações consistentes, e trazer a luz da reflexão antropológica, a universalidade prática, na qual a Educação Física como um fenômeno da cultura tem sob seus domínios um escopo de conhecimento legítimo. Considerando esse aspecto talvez seja possível que ultrapassemos a fronteira conceitual de uma região acadêmica ou profissional. Tal condição não necessita de *esforço*, não requer projetos, não deve ser simplificado a uma condição teórica, ou de explicação de uma única unidade de valores ou comportamentos. Tal condição é prerrogativa da própria natureza humana, pois é parte da identidade e legitimidade da prática de exercícios o repertório motor na nossa capacidade de movimentar. Deveria ser, essa reflexão a condição natural daqueles que *fazem* educação física como necessidade e prazer, jamais um tipo de esforço no qual o cansaço ou a fadiga fossem expressões sem fundamento e que, na prática, o organismo humano um objeto móvel, esboço pré-fabricado da indústria cultural da ginástica.

Como evidência de uma necessidade de ver o corpo e a motricidade como fenômenos integrados do ser humano em movimento, talvez seja possível reconstituir o conceito legítimo criado pela natureza humana *prática*, delimitando uma região de interferência física, mental e até espiritual que não se resume a um conteúdo geométrico ou geográfico, mas sim como um conjunto heterogêneo de *lugares vivos* sem a tendência para uma ou outra região. Esse seria os aspectos antropológicos que nos reporta para o campo de uma cultura corporal rigorosa, na qual reina a presença do ser humano na sua totalidade. Uma experiência que não pode ser um esboço intelectual e nem necessita de explicação formal, pois, se comprova pela presença *corporal* como uma dimensão do ser humano total que somos. Assim como toda motricidade, decorrente do conteúdo corporal espelha a duração e perduração de algo que é vivo, dessa evidência, referimo-nos à atividade física como atividade humana sem precedente. Está no conteúdo da Educação Física uma resposta prática tanto quanto filosófica para justificar essa relação e garantir sua existência como fenômeno da cultura geral

Considerando a temática dessa preocupação, uma análise do espelho antropológico do ser humano *prático*, recordemos ainda que o espaço primitivo que ocupa nossa consciência reforça um simbolismo original: a noção de técnica corporal, aquela na qual os homens servem de seus corpos, seus atributos físicos os quais se ajustam às necessidades de cada tarefa e em cada sociedade (MAUSS, 1977). A atuação e a presença humana no processo evolutivo é que podemos sentir o mundo natural, a motricidade sempre foi a primeira forma de intervenção e atuação no meio; a primeira linguagem de puro domínio do uso do corpo como ferramenta. Não podemos negar essa premissa, pois, foi através da exploração do meio e a presença no mundo natural que descobrimos nossas próprias habilidades e capacidades, adaptando-se através da resistência, força, velocidade entre outras categorias conceituais que vemos na prática de exercícios. O domínio dessas capacidades não é concebido por acaso nem propriamente praticadas por indução ao esforço aleatoriamente ou pelo acaso, mas antes, sentidas como parte do *ser* integrado e que se estende ao mundo.

No quadro antropológico o qual o homem representa, vimos que este, tornou-se a própria *natureza* muito antes de tornar-se parte dela. O rendimento físico, conforme dita a fisiologia, a partir da necessidade de sobrevivência, formaram-se assim, como estruturas

cada vez mais complexas, nas quais cada uma delas torna-se inseparáveis da eficácia e da eficiência como função da exploração e domínio dos lugares que ocupam (LÉVY BRUHL, 1955). Portanto o homem explora e se explora, move-se por inteiro, uma totalidade dele com o mundo, sem restrições ou limites. De um lado com seus fundamentos e funções orgânicas, de outro, a representação simbólica que nos permite nos tornarmos humanos na prática; processo no qual corporeidade e motricidade compõem-se inerentemente no seu processo de sobrevivência e superação.

Podemos considerar que o princípio da representação é legítima como expressão e significado, já que nessa correlação é que nos dá o sentido de *ser vivo*; indicativo visível de que o ser humano a partir de outra anatomia: do corpo vivo e em constante movimento. Entretanto, mesmo que forcemos a imaginação, e por mais que identifiquemos a estrutura corporal além do físico, à luz da vida prática, nada é tão expressivo quanto o conceito de *sujeito* de seu próprio corpo humano, como um quiasma, a exemplo do exercício físico, a pura experiência, ainda que mude traz a expressão corporal no sentido mais humano. É como ver e sentir:

O visível à nossa volta parece repousar em si mesmo. É como se a visão se formasse em seu âmago ou como se houvesse entre ele e nós uma familiaridade tão estreita como a do mar e a praia (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 128).

Da mesma forma, o espaço geográfico que o homem como ser corporal ocupa é o próprio espaço humano no qual sua expressão e significado nos reportam a vida prática, seja essa por qualquer atividade que representa a ação: do fisiológico ao antropológico, o homem em movimento é a mais visível das ações humanas que dela ascendeu para o triunfo da concepção de existir por completo. Até mesmo para buscar um sentido na vida em cada detalhe, para autogestão, autonomia e auto-superação, estão expressas e representadas como manifestações humanas práticas primárias, nas quais se tornam corporais muito antes dos ideais. Essa referência vista aos olhos da cultura se confirma na relação entre o corporal e orgânico como sendo o espelho da natureza, das comunidades mais primitivas na qual repousa o espelho antropológico da corporeidade que *somos* hoje.

Há um lugar na existência, além do horizonte da razão formal, sem que nos fixemos numa forma estreita de pensar, a noção de Educação Física incorpora no conceito um conteúdo primitivo da necessidade humana da prática e da técnica, e que reveste um conjunto de significações vitais de sobrevivência que fazem parte de uma força tradicional, tão eficaz quanto eficiente na manutenção e perpetuação da vida. É a experiência da ginástica como conceito, talvez seja essa a prerrogativa que podemos conceber para legitimar o elo que eleger o ser humano *prático* que se volta para a Educação Física como estilo de vida.

Não basta, contudo, a referência ao passado e ir à coleta de dados antropológicos, organizá-los e adaptá-los sistematicamente às necessidades que temos hoje. Mesmo contextualizando os fatos de uma antropologia estrutural, cultural e filosófica, estamos diante da Educação Física deslocada da cultura geral. Ao tentar situá-la num contexto filosófico, interpretá-la à luz de uma necessidade humana no mundo contemporâneo, descobrimos toda sua complexidade e uma infinidade de questões pertinentes ao conceito e a natureza da sua realidade. No primeiro momento diante dessa busca, sentimo-nos perplexos e talvez até impotentes em lidar com a Educação Física como um projeto futuro para a cura dos problemas orgânicos que aflora o homem moderno. Porém, na realidade estamos redescobrimo um conteúdo esplêndido encoberto nos conteúdos da Educação Física, o que eleva e exige a reflexão mais que métodos de exercícios e adaptações de treinamentos: é a conexão entre ato físico e atos psíquicos partem de um todo na *vivência intencional* reveladora da condição humana prática e de sentido.

Nesse conteúdo, situa uma entidade que desperta o homem para uma necessidade que se manifesta interessado na busca de sentido da sua própria corporeidade e motricidade cuja representação escapa da realidade meramente pedagógica, pois, como

dissemos, não basta a fisiologia e a biomecânica correta, estas isoladas não expressam a realidade nas tarefas e nas funções de um novo *mundo vivido*. Podemos fazer interpretações mais rigorosas acerca do *sentido prático* que a Educação Física desperta. Estamos diante de uma Educação Física que pode ser reinterpretada como um *modo de existir*. Uma afirmativa perigosa, porém passível de confirmação se a *ela* e diante *dela* for dada uma interpretação rigorosa do seu empenho cultural. Tais conceitos nos situam diante da perspectiva quase óbvia do *homo praticus*, que talvez nos venha a fornecer um suporte além de um regime didático meramente acadêmico disfarçado de prática, onde se *transpira* ou *especula*.

O conceito de Educação Física que se abre nessa perspectiva, pode ser interpretado e aceito com todo dinamismo de uma *entidade cultural*, pois permite a busca das origens últimas, das essências e das coisas fundadas no rigor da observação da realidade, reportando-se na direção das suas vertentes mais significativas e originais.

Longe do utilitarismo e das compensações descartáveis da prática das atividades físicas, o conceito de Educação Física se sustenta como entidade porque no seu conteúdo assinalamos algum tipo de diálogo para com a ciência, com a filosofia, e com a arte. É possível afirmar com certo cuidado que a observação, a experiência, a reflexão, e a criatividade, são exigências da cultura que induzem a Educação Física a se posicionar e organizar seus conhecimentos. Diremos de forma clara que o sentido de *educar o físico* exige um envolvimento com o mundo, conhecê-lo, ultrapassá-lo além do limite da singularidade orgânica. À Educação Física como *entidade* é dada a responsabilidade de mobilizar o humano, que há em cada ser corporal e lhe conceder uma consciência da consciência daquilo que é significativo para a cultura. Estimular o uso do corpo como propósito de *fazer* Educação Física na plenitude da sua referência cultural, deverá ser um *exercício* de toda capacidade humana de intervir-interagir com o mundo, não somente no limite do *exercício* ginástico, esportivo, lúdico, ou expressivo.

Deveremos sustentar a Educação Física como uma entidade cultural, redescobrimo sua *identidade* ontológica. Uma possível evidência intersubjetiva resultante da interação do conteúdo biológico, ao conteúdo humano puro transcendental. Nessa evidência poderá estar contida uma *teoria da prática* e vice-versa, um conceito de *rendimento humano* como superação permanente refletida na unidade e totalidade do sujeito. Este, irremediavelmente ligado ao *mundo em si*. Essa propriedade quase única na Educação Física nos indicará uma ação muscular como ação de consciência, com o estímulo motor interativo que transcende a objetividade e nem por isso se separa dela. Estamos tentando alcançar o conceito de Educação Física como metáfora viva, sua natureza como consciência estendida ao mundo, permanentemente, a função mais pura e universal que seu conteúdo representa.

Educação Física, a busca do rigor cultural

Talvez sejamos contemplados com uma categoria cultural da prática conforme ditado da ciência rigorosa, tanto no nível dos conceitos quanto da natureza dos seus propósitos e da sua raiz. Não como cópia ou como repetição, mas como exemplo a ser seguido por toda cadeia cultural.

Assim entendida a Educação Física virá a ser tão rigorosa quanto *precisa ser* o projeto de uma ciência rigorosa não pode estar deslocado de uma filosofia rigorosa, ou de uma arte rigorosa. Assim, compreender que existe na Educação Física um conteúdo evidente para ser explicado, existe também um conteúdo reflexivo e lógico para se pensar, existe, sobretudo um conteúdo intersubjetivo para ser vivido. Não existe ciência, filosofia ou arte no singular se o objetivo for o homem, não há oposição sem o critério da necessidade e da realidade, se a ciência descreve ontologias consistentes, a filosofia fundamenta essas ontologias, e a arte as expressa e faz significar. Sem essa correlação ciência se transforma em técnica isolada, passível de perder a consciência da sua própria natureza e o controle de seus princípios condutores. Da cadeia intuitiva inerentes ao conteúdo hipotético e subjetivo, que há em toda intencionalidade do *fazer* Educação Física, a ciência, a filosofia, a arte são

vistas na Educação Física que juntas *transpiram* no mundo. A filosofia isolada da ciência e da arte descredencia sua própria concepção do saber reflexivo, pois perde a referência lógica e objetiva acerca da existência, do conhecimento vivo de qualquer experiência. Todas as recíprocas desse argumento convergem para um mesmo resultado: o conhecimento da constituição do mundo (no sentido ativo) exige o conhecimento do conteúdo do mundo. O mundo nunca está isolado do mundo. Lembremos a concepção científica que conhecemos hoje não é a mesma na qual ela, antropologicamente se estruturou e que a perspectiva do olhar para a natureza na qual o próprio ser humano se insere é sempre direta e intencional. Para tal concepção é fundamental que estejamos atentos e abertos para uma *ciência rigorosa*¹ e

“conseqüentemente se firme o terreno de objetividade sobre o qual terá de se exercer a reflexão filosófica, por forma tal que esta reflexão adquira a impessoalidade da investigação científica e como ela se possa tornar coletiva e desenvolver-se e aprofundar-se no decurso das gerações como se desenvolvem e aprofundam os conhecimentos matemáticos, físicos, biológicos, etc., pela continuidade de esforços e adição de resultados de sucessivos investigadores.

A Educação Física seria uma *prática rigorosa*? Eis a frase pendente no discurso da Educação Física. Converter em realidade o começo radical de uma Educação Física ontológica não parece ser impossível. Apresenta-se como entidade complexa, a somatória de todo seu instrumental de conhecimento pode ser observado, experimentado e interpretado com os olhos de uma concepção prática diversa das outras práticas, sem o ponto de vista *de*. Essa concepção é vista como uma investigação rigorosa, dos motivos pelos quais a Educação Física inspira uma cultura corporal e toda cadeia motora que a ele se relaciona. À Educação Física no mundo contemporâneo é dada uma responsabilidade convergir contextos político, econômico, publicitário, ideológico, e toda rede de processos que exige do homem experiência no sentido mais rigoroso e de conformidade existencial na sua totalidade.

O discurso sobre Educação Física ainda repousa numa concepção miúda, ainda que tratada com área de conhecimento no venha à tona como uma disciplina ou profissão. Por força da tradição escolástica ou pelo vício cultural de um modelo pedagógico e educativo, e mais recentemente, com um suporte da visão científica objetivada, a Educação Física enquanto categoria antropológica parece ter perdido o sentido. A rigor, Educação Física poderia ser compreendida como entidade de reputação antropológica, não como um simples modo de conhecer a evolução física e motora, mas devidamente credenciada para tornar-se uma linguagem, *maneira de mover como ser* em sim, do sujeito interventor, ator, no sentido metafórico, o de relacionar-se com outros seres, com o meio e consigo mesmo. Um corpo e uma motricidade sem posse ou propriedade, mas a Educação Física como metáfora viva que capacita o homem a explorar a vida como *ela* é.

A Educação Física que conhecemos não é a que sabemos. Hoje, a ela é atribuída uma competência de organizar um corpo de conhecimento que reduz sua dinâmica antropológica numa dinâmica geométrica. Contudo, é possível afirmar que a Educação Física é a revelação de uma estrutura conceptual complexa, e que se manifesta como *entidade* pela cadeia semântica construída nas suas diferentes interpretações na prática e que se firmou como significado cultural. É possível afirmar que a *prática* da Educação Física incorpora uma *teoria* sobre o mundo vivido e vice-versa, pela linguagem que expressa na sua multidisciplinaridade e em diferentes abordagens: na arte, na ciência, na filosofia e na linguagem. É possível potencializar o conceito de Educação Física para reconduzir o homem na direção de um aperfeiçoamento de si mesmo para rever o conceito de *rendimento humano*. É possível compreender que na essência da Educação Física há uma

¹ Introdução de Joaquim de Carvalho no livro de Husserl, E. *Filosofia como Ciência de Rigor*. Coimbra, Editora Biblioteca Filosófica, 1965, p. xv.

lógica que transcende a concepção estreita de *exercícios*, que se utiliza de um amalgama orgânico fisiológico, que se organizam em infinitas categorias motoras e aparências físicas decorrente do homem *biológico*. Há também, nessa concepção a visão educativa de prática corporal como apêndice do roteiro pedagógico *escolar*, cujo sentido de formação humana subverte a atividade física como *educação* útil e compensatória. Essa tradição que se reforça com o elogio a racionalidade de uma cultura inteira, se compara ainda, o corpo uma máquina, a motricidade como objeto dessa mesma máquina, não restando outra premissa a não ser a *ciência da motricidade humana*. O que, de certa maneira, deforma os conceitos sobre a prática na ordem histórica, no campo da saúde, do trabalho, da economia, da política, e em todas as esferas nas quais repousa um discurso sobre o corpo. Nessa falsa idéia de organismo tornam-se ainda mais nebulosa as prerrogativas que sustentam o conceito de Educação Física. Circulam-se noções superficiais e pré-conceituais sobre a motricidade e corporeidade construídas pela lógica formal e dentro de um racionalismo científico decadente.

Para um repensar sobre o corpo e a motricidade com rigor e sentido nos credencia a pensar a Educação Física da mesma forma. Portanto, não bastam mudanças singulares de nomenclatura ou mudanças na terminologia na qual a Educação Física se instalou. Rever conceitos não é uma tarefa fácil, tanto quanto rever valores e comportamentos. Porém, há a prerrogativa do investimento numa antropologia rigorosa e no espectro da condição do corpo e do movimento humano nas suas relações com a vida prática. Há sim, a possibilidade de investimento no sentido rigoroso do termo de *exercício físico* como uma tarefa a ser construída com reflexão e fundamento. É o próximo passo nessa jornada de conhecimento sobre Educação Física, como dito é um repensar o projeto motor humano como um exercício cultural.

O primeiro passo seria compreender que *educação física* ressurgue conceitualmente como um modo de comportamento. É possível pensar a educação física como modo de reflexão de nessa perspectiva encontrar de algum modo, que seres humanos em qualquer idade e em quase todas as fases da vida ou situações expressam sua vitalidade numa atitude tal que, na linguagem corrente, a forma de agir é produto da consciência natural. Mais que a razão, a consciência natural é designada pelo predicado *fazer educação física*. O uso lingüístico desse termo exprime a experiência que temos como fenômenos de contato com o meio e com os objetos, e que, este nos reserva uma ação cuja percepção é sempre interativa e recíproca, portanto, *ação da consciência intencional* na forma que Husserl (1965). O filósofo coloca a questão da consciência como algo natural, ali, presente, concreta. Porque não aceitar a questão da motricidade com algo produto dessa consciência? Ora, não é costume nas lições da dança, da técnica, das habilidades motoras refinadas fazermos uso do repertório da consciência? Qual consciência e em que dimensão das tarefas motoras estaria nos referindo quando aceitamos a terminologia consciência? Não parece simples responder a tais questões, entretanto, parece-nos presente a neurologia como solução de interpretação, pois se traduz por consciência do movimento uma resposta do sistema nervoso a ação motora. Mas isso é o bastante? É suficiente tratar da percepção-ação com resposta neurofisiológica? Em que dimensão poderia tratar dos sentidos e da propriocepção como simples modalidade sensorial especializada? Ainda difícil as respostas, porém, há uma possibilidade de repensar o projeto da percepção – como disse Merleau-Ponty (1992): uma *filosofia da percepção*. Pressupostos filosóficos que se introduzem na reflexão, com noções aparentemente inocentes sobre a sensação, imagem corporal, consciência motora, memória motora, entendidas como ação efetiva do conhecimento sensível, muito além do projeto psíquico subjetivo que não aceita o fundamento real da relação com o inteligível.

Estaríamos fundando um novo projeto sobre a percepção, com o apoio da fenomenologia e seus fundamentos científico-filosóficos? Porque não? É preciso cuidado. Naturalmente, é preciso insistir no fato de que tais posicionamentos reflexivos não visam, absolutamente, a substituição de modelos teóricos. Visam abrir o debate entre as questões

da corporeidade e da motricidade humana no seu primado perceptivo, os quais nos deparam com a natureza humana em seu estado mais primitivo: o uso do corpo, as funções motoras das habilidades fundamentais para manutenção da sobrevivência diante do mundo natural, e, sobretudo, o engajamento antropológico concomitante com aspectos psicomotores com a Educação Física fora do paradigma cientificista no qual ela se apóia.

É nesse sentido que a concepção fenomenológica fundamentada no pensamento de Merleau-Ponty nos fornece um aparato, ou um início de debate sobre o corpo-próprio no seu repertório motor mais profundo, o aparecimento de *sentidos* superiores, essencialmente diferentes na estrutura de seus aparatos dos *sentidos* articulados, não de maneira funcional, mas à maneira de como tais sentidos operam na cadeia motora da nossa motricidade como é a relação íntima entre o gesto e a palavra. Assim observamos a linguagem da dança, do gesto esportivo esteticamente elaborado, da expressão e seu significado na condução e no efeito de toda comunicação humana ou animal. Essa filosofia da percepção poderia ser o ponto de partida, considerando que na estrutura da nossa consciência motora há um repertório motor produto de uma motricidade inerente à espécie, não apenas o produto ou efeito de treinamento e adaptação. Fora dessa reflexão, cairíamos na armadilha conceitual do dualismo e da dicotomia, da qual mergulhamos e aí se instala os paradoxos: sujeito e objeto, teoria e prática, interioridade e exterioridade, e uma longa cadeia semântica com infinitos diálogos surdos.

Considerações Finais

Assim, ciência e filosofia como fenômenos de um mesmo contínuo o que hoje, e desde há tempos remotos, pouca vezes pode acontecer: um naturalismo na filosofia e a reflexão na ciência. Como Educação Física poderia compreender como uma esfera das categorias do conhecimento que poderia pelas suas múltiplas concepções e pela força dos seus conteúdos, proporcionarem uma clivagem de consciência sobre o corpo e o movimento humano. Mesmo porque, sabemos, mesmo que inconscientemente, das necessidades ressurgentes de reflexão sobre hábitos e comportamentos sobre o uso do corpo no mundo contemporâneo. Isso porque, ao reportamos para as experiências cotidianas, na qual repousa a vida da linguagem autêntica, o *foco* principal onde as coisas acontecem, parecem esclarecidas que toda experiência consiste na atitude de percepção na qual exige sempre um estado de atenção acuradíssimo, se quiser sentir o *corpo-próprio*. Com fundamento para repensar o projeto antropológico para uma Educação Física sem modelos ou métodos de aplicação é fundamental creditar numa atitude física como *polissemia*, o ponto nevrálgico no qual repousa a expressão e o significado da prática sem o diálogo surdo-mudo de paradigmas. Na polissemia, no rigor da reflexão antropológica, invisível e na recuperação de uma memória motora que nos reporta para o contato com as coisas, acontecimentos, pessoas, parece ser um caminho seguro. Compete à reflexão científica e filosófica considerar tal efeito de fenômenos nem sempre tão perceptivo quanto é a objetividade e a exatidão dos dados da natureza. Como sinaliza Husserl, tal reflexão seria completa e frutífera se ela se realizar como influência recíproca de “experiência e julgamento”, isto é, da experiência da vida e do mundo e da experiência interpretada fenomenologicamente e dos conhecimentos autênticos dos fatos.

A Educação Física como um projeto antropológico não dispensa ou exclui qualquer noção de prática. Exigiria o uso confirmado da linguagem metafórica do *fazer educação física*, como seria fazer ciência ou filosofia. Um estado reflexivo ainda distante, mediante do fato de que ainda não conquistamos um estado de consciência natural como fenômeno concreto e objetivo da necessidade de *fazer educação física*. Fato este que há sempre uma inclinação de concordar com a concepção de que toda atividade física é quase sempre uma exigência, que só acontece com a obrigação, conquista estética, desafio e superação de limites, *status* esportivos e competitivos.

O que de fato poderia ser, e que a experiência e julgamento indicam, simplesmente seria fazer pela gratuidade do bem proporcionado na presença no mundo vivido: como o é

alimentar-se, dormir, atividade sexual, livre pensar. Aquela em que há sempre um indicativo de que a intenção se confirma na ação. Assim, como um projeto lingüístico para uma motricidade legítima seria. É nesse sentido que o *fazer* como algo indeterminado, apenas como um *jogo* que somente faz sentido pelo processo de mover e ser movido, mover por si mesmo. Não por acaso que se adota ingenuamente a condição de exercitar-se para descarregar tensão, poderia ser dito com a catarse entre o sujeito diante da resposta orgânica ao exercício. A Educação Física é mais antiga que a cultura. Qualquer forma de atividade requer a consciência de movimento, e esta, sendo natural requer a reflexão. Por força de conceito toda atividade por mais invisibilidade dos nossos processos orgânicos, numa conduta de ações contínuas, aí repousa o que somos. Na inseparabilidade das ações e da consciência, existir quer dizer, em primeiro lugar, mover-nos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, J. **Introdução a obra de Edmundo Husserl**: Filosofia como Ciência de Rigor, Coimbra, Editora Biblioteca Filosófica, 1965.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Porto, Rés Editora, 1975.
- DARAKI, Repenser le projet anthropologique: Munité et diversité de l'humanité. **Humain**. Paris, Editions Complexe, PFU, No. 10, 51-70, 1984.
- DIDEROT. D. **De l'interprétation de la nature: principes philosophiques sur la matière et le mouvement**. Paris, P.U.F., 1963.
- HUSSERL, E. **Filosofia como Ciência de Rigor**. Coimbra, Editora Biblioteca Filosófica, 1965.
- JAEGER, W. **Paidéia: A formação do homem grego**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1986.
- LÉVY-BRUHL. J. **La mentalité primitive**. Paris, Editions Alcan, 1955.
- LORENZ. K. *Analogy as a source of knowledge*. Londres, The Nobel Foundation, 1974.
- MAUSS, M. **Técnicas corporais**. In: Antropologia e sociologia. São Paulo: EDUSP, v. 2, 1977.
- MERLEAU-PONTY, M. **La structure du comportement**. Paris, P.U.F., 1955.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- _____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva; 1984.
- MORRIS, D. **The naked ape**. London: University Press, 1967.
- SCHERER, R. **La phénoménologie des recherches logiques de Husserl**. Paris, P.U.F., 1967.

Currículo

Prof. Dr. Wilson do Carmo Júnior

Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro – SP

e-mail: wilsonjr@rc.unesp.br
